

***A gênese das reflexões
sobre negritude na igreja
evangélica de confissão
luterana no Brasil
(IECLB)***

**The genesis of reflections
on blackness in the igreja
evangélica de confissão
luterana no Brasil (IECLB)**

Günter Bayerl Padilha

Possui graduação em Teologia pela Faculdade EST (2000) e graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Roraima (2008). Atualmente é pastor - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Cultural. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: gunterpadilha@gmail.com

Resumo:

Este artigo aborda o início das reflexões sobre negritude na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) com a chegada do primeiro professor negro ao campus da Escola Superior de Teologia (EST). A chegada dele desencadeou um processo crítico sobre a descoberta da negritude nos textos bíblicos e sobre a necessidade da IECLB apresentar propostas missionárias com as pessoas negras. As provocações de Nash e seu incentivo levou à formação do Grupo de Negros e Negras da EST e a publicação do boletim informativo Identidade. A partir do ano de 2000 integrantes do Grupo de Negros e Negras da EST se formaram e foram designados para atuarem em diferentes comunidades da IECLB. Assim, sendo, são apresentadas algumas experiências de diálogos sobre negritude nas Comunidade de Boa Vista (RR), Três Passos (RS) e Itapema (SC). Deste modo este artigo evidencia a importância de Nash para as reflexões sobre negritude na IECLB.

Palavras-chave: Negritude. Igreja. Identidade

Abstract:

This article discusses the beginning of reflections on blackness in the Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil with the arrival of the first black teacher on the campus of the Escola Superior de Teologia (EST). His arrival triggered a critical process about the discovery of blackness in biblical texts and on the need for IECLB to present missionary proposals with black people. Nash's taunts and encouragement led to the formation of the Blacks Group of EST and the publication of the Newsletter Identidade. From the year 2000 members of the Group of Blacks of EST formed and were assigned to work in different communities of the IECLB. Therefore, some experiences of dialogues on blackness in the Community of Boa Vista (RR), Três Passos (RS) and Itapema (SC) are presented. Thus, this article highlights Nash's importance for reflection on blackness in the IECLB.

Keywords: Blackness. Church. Identity

Introdução

Tratarei aqui sobre a memória dos primeiros passos dados na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em relação a temática da negritude, especificamente, da chegada do primeiro professor negro à Escola Superior de Teologia (EST) pastor e professor Peter Theodore Nash. Neste sentido é importante ressaltar que parto do pressuposto, defendido por Pollak, de que a

“memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”¹. Sendo assim, os acontecimentos narrados neste artigo são vestígios de uma experiência especial de alguém que participou dos primeiros debates sobre negritude nas aulas ministradas por Nash e nos encontros do Grupo de Negros e Negras da EST.

As reflexões que aconteciam no ambiente acadêmica da EST rompeu as fronteiras acadêmicas com a publicação do boletim informativo *Identidade*. O *Identidade* foi concebido para estabelecer diálogo com as comunidades em relação os temas negritude e bíblia, ou seja, deseja debater com os membros da comunidade questões essenciais para as pessoas negras: racismo, discriminação e missão.

Em outro momento, apresento como o estudo de Teologia e as provocações feitas por Nash contribuíram para que tivesse, durante meu ministério, a coragem de incentivar os membros das comunidades a estabelecer diálogo com as diferentes culturas que fazem parte do contexto em que as comunidades da IECLB estão inseridas. Além disso, apresento algumas de minhas contribuições na discussão sobre negritude em Boa Vista (RR), Três Passos (RS) e Itapema (SC).

Chego à conclusão de que a chegada de Nash ao Morro do Espelho foi um divisor de águas na formação acadêmica da EST quando contribui para que a IECLB compreendesse que é necessário abrir as portas para ser uma igreja acolhedora de todas as culturas. Além disso, aponto para a necessidade urgente de se debate o racismo sob a luz do evangelho.

Negros e negras no Morro do Espelho

Os primeiros dias do mês de agosto de 1995, início do segundo semestre na Escola Superior de Teologia (EST), foram marcados por uma golfada inovadora, que soprava do hemisfério Norte em direção ao Sul. Era um “vento negro” vindo dos Estados Unidos da América, Peter Theodore Nash, pastor luterano e professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas. Ele veio ao Brasil através do convênio firmado entre a Evangelical Lutheran Church in America (Igreja Evangélica Luterana na América) e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

A simples presença de um professor negro no Morro do Espelho, espaço ocupado por pessoas brancas, causava inquietação naquelas pessoas que compunham o universo acadêmico da EST. Para as outras pessoas esta presença significava o início da minimização de uma visão teológica luterana centrada no germanismo.

As primeiras aulas ministradas por Peter T. Nash revelaram as barreiras que, o primeiro professor negro na EST, teria que enfrentar. Dentre elas, sem dúvida, a mais contundente era o domínio da língua portuguesa. As armadilhas que ela, normalmente, apresenta para as pessoas nativas se multiplicaram para as pessoas migrantes recém-chegada. Conhecer e dominar o idioma é determinante para se ter acesso ao universo cultural das pessoas permitindo que ocorra a comunicação

¹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Rio de Janeiro: 1992. P.203.

entre as pessoas nativa e estrangeiras. Por esta razão as pessoas que frequentava as aulas de Nash, por vezes, não conseguiam acompanhar raciocínio dele. Para superar a barreira linguística Nash contou com a solidariedade de várias pessoas.

Durante processo de dominar a língua portuguesa Peter T. Nash apresentou uma nova perspectiva para os estudos do Antigo Testamento. Ele buscou, com seus questionamentos, apontar os holofotes hermenêuticos para personagens do Antigo Testamento com o objetivo de revelá-los com negros. Também revelou que as regiões onde as tradições orais foram transmitidas e, depois, foram escritas pelo povo de Deus não eram habitados pelos “brancos”. Aos poucos foi denunciando o embranquecimento que a Bíblia sofreu ao longo dos séculos, desta maneira: “[...] o povo santo nunca caminhou na Europa! Caminhou na África e no Oriente Próximo, terras dos povos negros e morenos². Também, a apresentou aos estudantes James Cone, tido como o pai da Teologia Negra, que argumentava que as pessoas negras são as pessoas oprimidas.

Na época, o corpo discente da EST, em sua maioria, era composto por descendentes de europeus. Eram jovens que deixaram suas comunidades localizadas em regiões colonizadas por imigrantes alemães e pomeranos. A turma de 1995, da qual eu faço parte, não fugia à regra. Mas como toda regra tem sua exceção naquele ano ingressou Francisco Rafael Soares dos Santo, um aluno negro, que não era tido como um “luterano de berço”. Também havia estudantes intercambistas oriundos da Venezuela, Peru, Moçambique, El Salvador e outras pessoas que foram se descobrindo e se valorizando como afrodescendentes. Outros estudantes que ingressaram em anos anteriores e posteriores, também foram descobrindo e valorizando a sua identidade afro a partir presença e das provocações de Peter T. Nash.

O despertar da necessidade de iniciar o processo de desconstrução de verdades teológicas construídas na perspectiva eurocêntrica e do conceito de raça deu-se, de maneira concreta, em 1996, quando da formação do Grupo de Negros e Negras da EST. As pessoas que formaram o Grupo, sob orientação, de Peter T. Nash, realizaram investigações científicas que buscavam evidenciar que a formação do povo de Israel está ligada ao continente Africano, discutiam como a igreja compunha o sistema escravocrata vigente no Brasil colônia, de maneira específica, buscavam compreender como as pessoas luteranas participavam dele. Também se perguntavam como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), na atualidade, tem incorporado no seu planejamento missionário as questões étnico-raciais.

Segundo Nash³, existem duas dívidas a serem pagas aos negros e negras pelos luteranos. A primeira está relacionada a falta de um posicionamento institucional da IECLB que condena o tráfico pessoas negras para o Brasil e a utilização delas como escravas por aproximadamente 300 anos. Seguindo em sua argumentação Nash afirma que a outra dívida está relacionada à ausência de uma proposta missionária da IECLB para atuar com e entre as populações afrodescendentes. Sendo que esta população, representa pelo menos 48% da população nacional. Para Nash o pagamento destas dívidas poderia começar pela denúncia profética das desigualdades sociais e econômicas provocadas

² NASH, Peter Theodore. *Negritude na Bíblia e na Igreja*. São Leopoldo: EST, 2003, p. 100.

³ Nash, 2003, p. 101

pela escravidão. A continuidade se daria por ações para efetivar a inclusão do povo negro em suas comunidades e a luta para superar a discriminação racial no Brasil.

Estimulado pelo pensamento de Nash o grupo de Negros e Negras da EST aceitou o desafio de dar os primeiros sinais para o pagamento desta dívida histórica da IECLB em relação a população afrodescendente. Por causa das provocações do professor Peter T. Nash, o Grupo reivindicou à Reitoria a celebração do Dia da Consciência Negra. O Grupo de Negros e Negras da EST pretendia incorporar nas celebrações dos Culto a história e a cultura do povo negro.

A Reitoria da EST atendeu o pedido do Grupo de Negros e Negras. A celebração na comunidade da EST corria todas as quartas. Assim sendo, a celebração do Dia da Consciência Negra se daria na quarta-feira próxima do dia 20 de novembro. Para que o projeto produzisse bons frutos o Grupo precisou descer o morro em busca de parcerias com as religiões de matrizes africanas, movimento negro e Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

As celebrações, na Capela da EST, valorizaram a cultura afro-brasileira e provocaram estudantes e professores para pensarem sobre novos jeitos de celebrar e de se aproximar da maior parte da população de nosso país. Foram momentos marcados pelos sons de tambores, danças e prédica que traziam à tona a negritude do povo de Deus e denunciavam as atrocidades praticadas no passado e no presente contra o povo negro. Claro que os elogios pela iniciativa do professor Nash e Grupo de Negros e Negras da EST vieram acompanhadas pelas críticas.

Os elogios e as críticas serviram de combustível para a esperança de ver, nas comunidades da IECLB, ensaios como aqueles realizados na Capela da EST. Para Nash os ensaios realizados pelas pessoas que integravam o Grupo de Negros e Negras de EST se tornariam ações litúrgicas naquelas comunidades nas quais elas seriam ministras e ministros. A esperança era que as comunidades fossem, aos poucos, abrindo espaço para o povo negro.

Seguindo em suas reflexões com o Grupo Peter Nash apresentou sua preocupação com a falta de subsídios para que as comunidades debatessem os temas relacionados à negritude. A falta destes subsídios dificultava reflexão dos membros das comunidades da IECLB sobre negritude e a necessidade de incluir na missão de Deus a população afrodescendente. A partir de suas constatações e com o envolvimento dos negros e negras nasceu o Identidade.

O identidade!

O boletim informativo dos negros e negras da EST, Identidade, nasceu como a missão de fazer chegar até as comunidades os resultados das pesquisas e das reflexões realizadas no âmbito acadêmico. O entendimento era que as descobertas acadêmicas não deveriam ficar enclausurados nas bibliotecas das universidades, mas, deveriam alcançar as pessoas para proporcioná-lhes o enriquecimento dos saberes. O Identidade, deveria propagar aquilo que estava sendo pensado na EST sobre Teologia e realidade da população negra.

Na primeira edição do *Identidade* é apresentada, por Peter T. Nash, a pretensão do Boletim com estas palavras:

Estamos esperando abrir um espaço para dialogar sobre assuntos atuais nas nossas vidas e questões culturais e, claro, coisas teológicas. Uma conversa entre os negros e as negras e nossos/as amigo/as na nossa igreja. Ser negro/a numa igreja que tem raízes alemãs tão profundas oferece alegrias e dores compartilhadas por nós. [...]Estou animado para este novo projeto. Percebo uma abertura na faculdade e na igreja para conhecer mais uma parte da verdade do evangelho. Minha expectativa é que eu vou estar mais livre para participar nas comunidades e nos sínodos nas suas reuniões e nos seus estudos. E daí, vou conhecer mais da nossa igreja querida.⁴

Nas palavras de Nash é possível perceber que existe uma fronteira que estabelece os limites entre as comunidades da IECLB e as pessoas negras. Ao mesmo tempo é perceptível a existência de uma fresta, pela qual atravessa a luz do evangelho, criando possibilidades de diálogo e acolhimento mútuo.

A primeira edição do *Identidade* é bem modesta, no entanto, representava um grande passo na caminhada de negros e negras em direção às comunidades da IECLB. Nela estão registradas as experiências de estudantes no processo de autorreconhecimento como afrodescendentes e como vivenciaram a negritude durante os períodos de estágio, intercâmbio e formação acadêmica. Os artigos desse primeiro boletim buscavam ampliar a fresta existente na fronteira entre comunidades e pessoas negras.

No artigo “Qual dever ser o perfil de uma/a estudante de Teologia?”, Lurdilene da Silva⁵ constata que, a partir de sua experiência durante o estágio, os membros da comunidade não possuem consciência da existência de pessoas negras estudando Teologia e que existe a possibilidade de um negro ser pastor ou uma negra ser pastora na IECLB.

Outro artigo provocante tem a autoria de Francisco Santos⁶, que relata a existência de duas Bahia, uma é das pessoas brancas e outra é das pessoas negra. O autor considera que a diferença entre elas está marcada pelas condições que permitem a vida digna para a população branca e reserva fome, violência e miséria para as pessoas negras. Todavia, ao voltar seu olhar para os negros e negras da Bahia ele percebe neles a força e a alegria que lhes permitem resistirem diante das injustiças sociais.

A realidade baiana, observada por Francisco Santos, também é percebida em outras cidades do Brasil e nas cidades de outros países. O artigo dele tem potencial para fomentar discussões sobre as desigualdades existentes entre pessoas brancas e negras, políticas de cota e racismo estrutural. O mesmo potencial tem o artigo de Lurdilene da Silva.

Seguindo por um caminho distinto dos demais artigos Adriano Otto⁷ apresenta uma reflexão teológica sobre a importância do Espírito Santo para a libertação dos negros e negras. No artigo é

⁴ NASH, Peter Theodore. Negritude Chegou! Mas o que é? *Identidade*, n.1, vol. 1, 2000.

⁵ SILVA, Lurdilene da. Qual deve ser o perfil de uma estudante de Teologia. In: *Identidade*, n.1 vol.1,2000.

⁶ SANTOS, Francisco. Existem duas Bahias. In: *Identidade*, n.1 vol.1,2000.

⁷ OTTO, Adriano. Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade Cristã. In: *Identidade*, n.1 vol. 1, 2000.

apresentada a experiência de apropriação da Bíblia pelas pessoas escravizadas. Na opinião de Pedro Acosta-Leyva, Ezequiel de Souza e Luis Carlos Mello⁸ o artigo “Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade Cristã” é a primeira elaboração teórica que apresenta ao público as reflexões teológicas realizadas pelo grupo de negros e negras da EST.

A contribuição dos negros e negras da EST para as discussões teológicas, sociais e culturais são riquíssimas, como declara, pela ocasião pela ocasião dos 10 anos da primeira edição do referido boletim, o reitor da EST Lotar Carlos Hoch:

No tocante à inclusão de afrodescendentes, sentimo-nos orgulhosos e honrados por poder acolher entre nós o Grupo de Negros e de Negras da EST/IECLB e poder publicar o Boletim Identidade. Isso é um fato novo e deveras enriquecedor para uma igreja de tradição germânica que, por muito tempo, permaneceu insensível à questão da inclusão de afro-brasileiros/as na nossa sociedade. Não faz muito tempo que Peter Nash, dos EUA, se tornou o primeiro professor negro a integrar o Corpo Docente da EST e que um grupo de negros e de negras passou a se reunir de forma organizada em nosso campus. No entanto, a repercussão positiva já se faz sentir, não apenas entre os próprios integrantes do grupo, como também entre a comunidade acadêmica em geral. Em seguida veio para estar conosco a professora negra Maricel Mena-López, da Colômbia. Hoje, na pessoa de Selenir Gonçalves Kronbauer, temos entre nós a primeira mulher negra brasileira como professora da EST. O trabalho vai se consolidando. As publicações, os simpósios e as conexões nacionais e internacionais vão se multiplicando. Cresce a sensibilidade para a temática. E, desta forma, a Escola Superior de Teologia vai incorporando de forma definitiva em seu perfil institucional o compromisso com a pesquisa sobre a temática da negritude e da inclusão étnica.⁹

As contribuições do Identidade para a discussão sobre a inclusão étnica e negritude são incontestáveis. Neste ano o boletim completou 20 anos. Ao longo deste período sofreu grandes transformações, da singela primeira edição em formato de folheto passou ao atual formato de revista digital. Em toda transformação existem as perdas e os ganhos as quais não irei apresentar neste espaço por julga ser necessário tratá-las com maior profundidade. O que não mudou e continua sendo característica do Identidade é sua pretensão de ser uma ponte de diálogo que conectam o fazer teológico e as comunidades da IECLB e sociedade.

As provocações dos artigos escritos por Lurdilene Silva, Francisco Santos e outras pessoas, na primeira edição, continuam válidas e são reformuladas em novos artigos que propõem a construção de um espaço de diálogo entre uma igreja germânica e a sociedade envolvente formada por maioria afrodescendente. As questões sobre o lugar dos negros e negras na igreja luterana não se restringem apenas a IECLB, mas é objeto de discussão mundial como relata Peter T. Nash:

Já três vezes fui privilegiado de participar nos congressos da CIBL (Conferência Internacional dos Luteranos Negros). Cada vez tratamos assuntos que nos atingem. 1986 em Harrare, Zimbabwe perguntamos: Podemos ser Negro e Luterano? Em Bulawayo, Zimbabwe em 1996 imaginamos. Qual é nossa Resposta Luterana e Negra a um Mundo que está tão

⁸ ACOSTA-LEYVA, Pedro; SOUZA, Ezequiel; MELLO, Luis Carlos. In: Identidade, v. 9. 2006 <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2246> acessado em 03.10.2020

⁹ HOCH, Lotar Carlos. Pesquisa na Escola Superior de Teologia desperta para a temática da inclusão étnica. In : Identidade v. 9 , 2006. <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2246> acessado em 03.10.2020

dividido entre Ricos e Pobres? Mais atualmente, em 1999 em Wittenberg, Alemanha, procuramos pensarem, Justificação-um Olhar Negro e Luterano. Essas são as questões que os teólogos negros estão tratando.¹⁰

O desafio da Identidade continua sendo o mesmo que deu origem a ele, ampliar o número de pessoas dispostas a dialogar tendo como ponto de partida as temáticas que envolvem a Teologia, o racismo, a discriminação, a diversidade cultural, os direitos humanos, a justiça e a equidade de oportunidades para a população brasileira e mundial.

Negritude e comunidades entre os anos 2002 e 2019

Na década de 2000 as pessoas que participaram da formação do Grupo de Negros e Negras concluíram sua formação na EST, iniciaram os períodos práticos e assumiram pastorados em comunidades da IECLB. Neste período, são estabelecidas as discussões sobre o Estatuto da Igualdade Racial, Cotas para negros e a inclusão do estudo da história da África nas escolas a partir da Lei Federal 10639/2003.

Neste contexto é importante ter em mente aquilo que Djamila Ribeiro argumenta sobre o lugar de fala:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes sociedade. [...]Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão¹¹.

A partir do meu “lugar de fala” apresento algumas experiências pastorais vividas nas paróquias em que atuei. No ano final do ano 2000 conclui minha formação em Teologia, na EST. A IECLB designou a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Brasília como local para a realização do Período Prático de Habilitação ao Pastorado (PPHP), o qual realizado no ano de 2001. Ao concluir o PPHP fui enviado para a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Boa Vista, localizada no estado de Roraima. No dia dois de fevereiro de 2002 desembarquei, em Boa Vista, carregando as expectativas norteadas pelas provocações teológica feitas por Peter Nash e as experiências vividas com o Grupo de Negros e Negras da EST.

Negritude em Boa Vista – Roraima

Em Roraima, a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, mobilizava as pessoas favoráveis e contrárias às reivindicações dos povos indígenas. Algumas famílias luteranas foram diretamente atingidas por causa de demarcações anteriores e outras iriam ser impactadas desta vez.

¹⁰ NASH, 2000.

¹¹ RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Editora Jandira, 2020, p. 89.

Por esta razão, no início de minha atividade pastoral, busquei dialogar como os membros sobre as questões referentes ao processo de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

A Terra Indígena Raposa Serra do Sol foi demarcada em 15 de abril de 2005. Com o objetivo de auxiliar a Comunidade de Boa Vista no processo de entender o significado da demarcação para os povos indígenas e qual a missão da igreja entre os povos indígenas, foi realizado o Seminário Evangelho e Cultura. A coordenação do Seminário estava sob responsabilidade de Walter Sass, Pastor da IECLB, integrante do Conselho de Missão entre os Índios (COMIN). Ele atuava entre o povo Deni no Médio Juruá, no estado do Amazona.

Os temas relacionados à negritude foram incorporados nas pregações e nos estudos bíblicos. Para tanto, a Identidade serviu como base para abordar o tema negritude e Igreja e negritude com a Comunidade. Em 2003, com o lançamento do livro *Abrindo Sulcos* organizado por Maricel Mena Lopez e Peter Theodore Nash, a fundamentação bíblico-teológica foi reforçada.

Em 2003, ingressei no curso de Ciências Sociais oferecido pela Universidade Federal de Roraima. Então, comecei a indagar as pessoas, que compunham minha turma, sobre as manifestações culturais dos afrodescendentes que observei em Boa Vista (RR), por exemplo, o carnaval, rodas de capoeira sendo jogadas nas praças, o reggae cantado pelos imigrantes da República Cooperativista da Guiana e uma loja de artigos religiosos para os cultos de Candomblé e Umbanda. Além disso, discutíamos sobre os aspectos positivos e negativos das políticas de cotas raciais¹².

As discussões sobre os direitos das pessoas negras e como elas contribuíram para a formação de Roraima foram crescendo entre as pessoas afrodescendentes do curso de Ciências Sociais. No ano de 2005, pela primeira vez, o Centro Acadêmico de Ciências Sociais promoveu o Fórum da Consciência Negra, com apoio da Pró-reitoria de Extensão. A programação do Fórum contou com palestra sobre as religiões afro-brasileiras, questão racial no Brasil, racismo e violência contra a mulher, os desafios de ser negro no Brasil. Também ocorreu a mesa redonda: “A negritude e suas questões políticas e sociais”, na qual fui mediador. Além disso, a banda de reggae Guy-Brás, liderada pelo guianense Mike, realizou o encerramento do Fórum. O II Fórum da Consciência Negra foi realizado no ano de 2006.

No ano de 2007, enquanto realizava meu trabalho de campo com o objetivo de mapear os terreiros de matrizes africanas em Boa Vista (RR), intermediei a participação de representantes dos terreiros na II Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Roraima. A Conferência ocorreu nos dias 21 e 23 de março de 2007, na qual foram eleitos os delegados e as delegadas para a III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, dentre as pessoas eleitas estava uma representante dos terreiros.

Desde fevereiro de 2002 até julho de 2007 procurei contribuir para que as pessoas luteranas, em Roraima, dialogassem com as diferentes culturas que compunham o tecido social do estado.

¹² Cf. Padilha, Günter Bayerl. Mapeamento dos terreiros de matrizes africanas em Boa Vista. Boa Vista -RR: Departamento de Antropologia UFRR, 2008, p. 12.

Durante minha trajetória acadêmica na Universidade Federal de Roraima (UFRR) busquei incentivar os debates sobre as questões importantes para a população negra e, também, proporcionei a visibilidade dos terreiros de matriz africana. Minha contribuição para o diálogo intercultural em Roraima foi finalizada com a elaboração e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Social: Mapeamento dos terreiros de matrizes africanas em Boa Vista. Durante a pesquisa foram localizados vinte e um terreiros.

Negritude em Três Passos – Rio Grande do Sul

Em 2007, fui eleito para assumir o ministério pastoral na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Três Passo. Assim sendo, deixei o Norte e rumei para Sul. Estava pela segunda vez residindo no Rio Grande do Sul, na primeira vez morei em São Leopoldo (RS) entre os anos 1995 até 2000 para realizar minha formação teológica na Escola Superior de Teologia e, dos anos 2007 até 2012 residi em Três Passo (RS).

Quando cheguei em Três Passos (RS) além de trazer o aprendizado sobre as questões afro da EST e da UFRR eu era acompanhado pela parceira de estudo e lutas Neygila Cristina Costa Santos, a quem conheci no curso de Ciências Sociais e veio ser minha esposa. Na cidade de Três Passos poucas eram as pessoas negras, ela e mais algumas que facilmente poderiam ser contadas nos dedos. Então, juntos começamos a perceber a força da Revolução Farroupilha e questionar a incorporação dos negros nas fileiras dos farrapos. Além disso, começamos a pesquisar sobre o massacre dos lanceiros negros ocorrido na madrugada de 14 de novembro de 1844, nas mediações do Cerro de Porongos¹³.

O contexto da Paróquia não oportunizava grandes discussões em relação as questões relevantes para as pessoas negras. Às vezes surgiam oportunidades para abordar a questão do racismo e das cotas. Em alguns momentos vinha à tona assuntos relacionados à Terra Indígena Guarita, localizada nos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco. Por este motivo fui, aos poucos, me envolvendo com as questões relacionadas ao Ensino Religiosos nas escolas.

No âmbito da 21ª Coordenadoria Regional de Educação as questões do Ensino Religioso incluíam diálogos entre professores, igrejas e outras instituições religiosas. Por esta razão, várias vezes participei de reuniões e cursos de formação. Numa destas ocasiões conheci o professor Miguel e a professora Rosa que representavam as manifestações religiosas de matrizes africanas. Então, descobri que Três Passos (RS) era referência regional para a Umbanda.

O descortinar das questões afro se deram paulatinamente. Os diálogos com o professor Miguel e a professora Rosa revelavam a necessidade de apresentar para a sociedade três-passense a cultura afro-brasileira. O primeiro passo foi dado em 2009, por ocasião do Dia da Consciência Negra, Neygila apresentou uma palestra para alunos da Escola Estadual de Educação Básica “Tiradentes”, sobre o tema Consciência Negra: luta contra o preconceito e a discriminação e a favor da igualdade

¹³ SILVA, Juremir Machado da. História Regional da Infância. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010, p. 255.

social. No ano seguinte, palestrou para alunos de 5^a à 8^a série da Escola Estadual de Ensino Fundamental Cecília Miereles, no município de Tiradentes do Sul – RS.

No seguinte ano, 2011, Neygila e eu, ministramos uma etapa do Curso de Formação continuada na Área de Ensino Religioso, Afro e indígena para professores da 21^a Coordenadoria de Educação. Naquela ocasião foram abordadas a história e a religiosidade das pessoas negras no Brasil e Rio Grande do Sul. Na formação foram destacadas a presença negra na Revolução Farroupilha, a existência de quilombos e religiões de matrizes africanas no Rio Grande do Sul e a questão da autodeclaração e a colaboração das pessoas negras na formação do Brasil.

A repercussão da formação foi positiva ao ponto de Neygila ser entrevistada pela Rádio Difusora na semana do Dia da Consciência Negra. A entrevista, também, foi publicada no semanário Atos e Fatos. Na entrevista Neygila aproveitou para divulgar a exposição do casal de Pretos Velhos, na praça central de Três Passos. A exposição foi idealizada pela Sociedade Espiritualista de Umbanda Reino de Ogum Itati, Neygila e eu. Após o Dia da Consciência Negra os “Pretos Velhos” ficaram expostos no hall da prefeitura municipal e na Escola Estadual de Educação Básica Padre Gonzales.

No dia 21 de novembro de 2012, Neygila e eu proferimos palestra sobre o tema Consciência Negra no IV Seminário de Umbanda e Cultura-Afro realizado pela Sociedade Espiritualista de Umbanda Reino de Ogum Itati e Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura Municipal de Três Passos com a poio da 21^o Coordenadoria Regional de Educação.

As minhas contribuições para o estabelecimento de diálogos sobre as questões relacionadas ao povo negro em Três Passo (RS) tiveram fim quando a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Itapema elegeu-me para lá exercer o ministério pastoral e minha esposa, meu filho e eu fixamos residência em Itapema (SC).

Negritude em Itapema – Santa Catarina

A cidade de Itapema é de porte médio, tendo uma população estimada em 45.797 habitantes, e uma economia baseada nas atividades da construção civil, mercado imobiliário, prestação de serviços e, principalmente, turismo. O município de Itapema, no litoral norte catarinense, possui como municípios limítrofes Camboriú, Balneário Camboriú, Porto Belo e Tijucas¹⁴. Nela minha esposa, filho e eu estabelecemos residência no Bairro Meia Praia, num apartamento localizado na Rua 240, de onde não demoramos em perceber o movimento de ciclistas e pessoas pela Avenida Nereu Ramos, a principal via da cidade.

Muitas dessas pessoas trabalhavam na limpeza das vias públicas e da orla do município que entre si falavam um idioma que não conseguimos identificar de imediato qual era. Inicialmente, minha esposa observou que poderiam ser pessoas oriundas de algum país africano. Na ocasião eu complementei que poderiam estar falando algum dialeto, pois, quando as ouvíamos, nossos ouvidos identificavam, por um lado, algo familiar e, por outro, algo que causava certo estranhamento. É que

¹⁴ IBGE, 2010

alguns vocábulos se assemelhavam ao francês, mas percebemos que não era esse propriamente o idioma falado. Passados alguns dias soubemos, através de jornais regionais, que aquelas pessoas que tínhamos ouvidos pelas vias públicas de Itapema eram originárias do Haiti, e que o idioma que tínhamos ouvido era o *kreyòl*.

Segundo Assis & Magalhães¹⁵, os primeiros imigrantes haitianos começaram a chegar em Santa Catarina no final do ano de 2010. Eles chegavam depois de ter entrado no Brasil pelo estado do Acre e passaram por meio de ações de recrutamento de empresas que possuíam suas atividades nas cidades do estado de Santa Catarina. Em Itapema (SC), os primeiros haitianos chegaram no ano de 2012, quando a empresa Ambiental Limpeza Urbana e Saneamento Ltda recrutou, no Acre, 30 haitianos.

No entanto, minha aproximação com os haitianos ocorreu de forma efetiva dois anos depois, em 2014, quando, Dalila Maria Pedrini, formada em serviço social e professora aposentada da Universidade Regional de Blumenau (FURB), que manifestou sua preocupação com a situação dos haitianos que se encontram em Itapema e informou, ainda, que, desde dezembro de 2013, estava em processo de organização a Associação de Haitianos. Ela estendeu o convite para que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil também viesse somar-se à ação solidária em prol dos imigrantes haitianos, e assim, auxiliar no processo pedagógico popular para que a sociedade se sensibilizasse com eles. Então, fez-me o convite para participar de uma reunião que ocorreria com haitianos e outras pessoas na sede da Federação dos Trabalhadores das Indústrias de Santa Catarina (FETIESC), no dia 11 de fevereiro de 2014. Assim, desde 2014 fiz parte da Associação dos Haitianos em Itapema e Amigos e colaborando em suas ações para sensibilizar os diversos setores da sociedade de Itapema em relação às questões envolvendo o fluxo migratório de haitianos para o município¹⁶.

Também, junto à minha Paróquia mobilizei pessoas para que sejam solidárias com os haitianos e haitianas que vivem em Itapema. De uma maneira positiva elas responderam através das campanhas do agasalho, materiais escolares e de alimentos que beneficiam aos imigrantes haitianos. Como parte das minhas atividades na paróquia, fui coordenador do projeto: "*Imigração: direitos e integração à realidade local e brasileira*", que era mantido com recursos advindos do Programa de Pequenos Projetos (PPP), ofertado pela Fundação Luterana de Diaconia, e que contou com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Itapema, Ação Social e Cultural Nossa Senhora dos Navegantes e a AHIA (Associação dos Haitianos em Itapema e seus Amigos). Através desse projeto, foram ofertados cursos de Português, e noções a respeito das leis trabalhistas, Maria da Penha, Estatuto da Criança e Adolescente, Funcionamento do Conselho Tutelar, Sistema Único de Saúde e capacitação profissionalizante de preparação de hambúrguês artesanais e de pães e biscoitos.

¹⁵ ASSIS, G. d., & MAGALHÃES, L. F. Migrantes indesejados? A "diáspora" haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. Manaus: EDUA, 2016.

¹⁶ PADILHA, Günter Bayerl. "É amigo que ajuda. Só união, haitiano com haitiano, um ajuda o outro": A arte de tecer redes de solidariedade entre haitianos e haitianas em Itapema (SC). 2020.

Em Joinville, participei, juntamente com um haitiano representante da AHIA, nos 13 e 14 de setembro de 2019 de uma oficina ofertada pelo Conselho Nacional de Igreja Cristãs: “Imigrantes e Refugiados: desafios da casa comum”. Dessa oficina participaram imigrantes e refugiados da Angola, Moçambique e Haiti. Também participaram delas o Centro de Direitos Humanos de Joinville, Igreja Anglicana do Brasil (IEAB); Conselho Inter-religioso para estudos e reflexão (CIER); Exército da Salvação (ES); Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e Centro Islâmico de Joinville. Os debates abordaram a violação de direitos dos imigrantes e refugiados, racismo e a importância da participação das igrejas como articuladora dos mecanismos de proteção e nas redes de acolhimento¹⁷

As minhas preocupações com as questões relacionadas aos imigrantes haitianos fizeram com que eu participasse das audiências públicas na Assembleia Legislativa de Santa Catarina nos dias 21/11/2018 e 30/10/2019. Nestas ocasiões foram debatidas questões de acolhimento e, principalmente, àquelas promovidas pelo Centro de Referência de Atendimento ao Imigrante (CRAI), que foi criado a partir do convênio entre a Ação Social Arquidiocesana (ASA) e a Secretaria de Estado da Assistência Social, Trabalho e Habitação. Entre os temas das audiências foi trata a continuidade ou não do CRAI. Na opinião das pessoas imigrantes a atuação do CRAI era fundamental e solicitavam que sua presença deveria ser descentralizada para outras regiões de Santa Catarina, e não ficar limitada à circunvizinhança de Florianópolis. Porém, no dia 22/09/2019, o governo do Estado resolveu encerrar as atividades do CRAI, que tiveram início no dia 01/02/2018. Todavia, por outro lado, como resultado dessas Audiências foi a aprovação do encaminhamento para discussão em plenário do projeto de lei nº 464.7/2019, que deverá instituir uma política estadual para a população migrante¹⁸.

Foi interessante acompanhar os haitianos e haitianas em seus processos de integração à sociedade e nas suas lutas por direitos e dignidade. Descobri com eles e elas que a migração é um processo coletivo no qual a solidariedade é fundamental para a sobrevivência. O sucesso de um projeto migratório depende da solidariedade entre as pessoas que migram e das pessoas do país que acolhe as pessoas migrantes. Assim sendo, entre os anos 2014 até 2019 busquei atuar em prol dos haitianos e haitianas para tivessem acesso aos seus direitos. Também sensibilizei os membros da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Itapema para a necessidade do exercício da diaconia a fim de proporcionar o acolhimento dos haitianos e das haitianas.

Considerações finais

Visitar alguns momentos históricos nos quais houve reflexões sobre negritude na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) possibilita identificar alguns esforços para a superação do distanciamento entre uma igreja de identidade étnica e a sociedade de maioria negra e parda. Neste processo foi fundamental a atuação de Peter Theodore Nash na formação do Grupo de

¹⁷ CONIC. (s.d.). Acesso em 13 de julho de 2020, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/imigrantes-e-refugiados>
¹⁸ PADILHA, 2020.

Negros e Negras da EST e sua colaboração na formação teológica de inúmeras pessoas no período em que atuou como docente na EST.

A partir do envio de pessoas, que fizeram parte do Grupo de Negros e Negras na EST, para o exercício do ministério nas comunidades da IECLB percebe-se que é chegado o tempo em que as questões relacionadas ao racismo estrutural precisam fazer parte do anúncio do evangelho. Diante dos anseios das pessoas negras por dignidade de vida não é concebível que a IECLB continue sendo um gueto e dê às costas para as outras culturas existentes no Brasil.

Quando me propus a fazer a apresentação das minhas experiências dialogais com as pessoas negras, que faziam parte do contexto das comunidades que atuei, eu tinha como o objetivo dar visibilidade às iniciativas de sair dos muros que encerram as comunidades em seus guetos. Também, tinha a pretensão de que estas iniciativas pudessem inspirar outras pessoas na busca por diálogos com as pessoas negras e pessoas de outras culturas.

Conclui-se que a chegada de Nash ao Morro do Espelho foi um divisor de águas na formação acadêmica da EST quando contribui para que a IECLB compreendesse que é necessário abrir as portas para ser uma igreja acolhedora de todas as culturas. Ele colaborou para que os futuros ministros e ministras da IECLB compreendessem que é necessário colocar na pauta missionária a atuação como as pessoas negras de nosso país. Além disso, aponto para a necessidade urgente de se debater o racismo sob a luz do evangelho.

Referências

ACOSTA-LEYVA, Pedro; SOUZA, Ezequiel; MELLO, Luis Carlos. In: *Identidade*, vol.9. São Leopoldo 2006. <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2246> acessado em 03.10.2020

ASSIS, G. d., & MAGALHÃES, L. F. Migrantes indesejados? A "diáspora" haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. In: S. A. Silva, & G. O. Assis, (orgs.). *Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais* (pp. 209-250). Manaus: EDUA, 2016. pp 209-250.

CONIC. (s.d.). Acesso em 13 de julho de 2020, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/imigrantes-e-refugiados>

HOCH, Lotar Carlos. Pesquisa na Escola Superior de Teologia desperta para a temática da inclusão étnica. In: *Identidade* v. 9, São Leopoldo 2006. <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2246> acessado em 03.10.2020.

IBGE. (2010). Acesso em 11 de dezembro de 2017, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itapema/panorama>

NASH, Peter Theodore. Negritude Chegou! Mas o que é? *Identidade*, n.1, vol, 1. São Leopoldo, 2000.

NASH, Peter Theodore. Negritude na Bíblia e na Igreja. In: *Abrindo Sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo: EST, 2003.

OTTO, Adriano. Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade Cristã. In: *Identidade, n.1 vol. 1*. São Leopoldo, 2000.

PADILHA, Günter Bayerl. Mapeamento dos terreiros de matrizes africanas em Boa Vista. Boa Vista -RR: Departamento de Antropologia UFRR, 2008.

PADILHA, Günter Bayerl "É amigo que ajuda. Só união, haitiano com haitiano, um ajuda o outro": *A arte de tecer redes de solidariedade entre haitianos e haitianas em Itapema (SC)*. Florianópolis: UFSC - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, 1992. p. 200-212.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandira, 2020.

SANTOS, Francisco. Existem duas Bahias. In: *Identidade, n.1 vol.1*. São Leopoldo, 2000.

SILVA, Juremir Machado da. *História Regional da Infâmia*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

SILVA, Lurdilene da. Qual deve ser o perfil de uma estudante de Teologia. In: *Identidade, n.1 vol.1*, São Leopoldo 2000.